



AgEcon SEARCH
RESEARCH IN AGRICULTURAL & APPLIED ECONOMICS

The World's Largest Open Access Agricultural & Applied Economics Digital Library

This document is discoverable and free to researchers across the globe due to the work of AgEcon Search.

Help ensure our sustainability.

Give to AgEcon Search

AgEcon Search
<http://ageconsearch.umn.edu>
aesearch@umn.edu

*Papers downloaded from **AgEcon Search** may be used for non-commercial purposes and personal study only. No other use, including posting to another Internet site, is permitted without permission from the copyright owner (not AgEcon Search), or as allowed under the provisions of Fair Use, U.S. Copyright Act, Title 17 U.S.C.*



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA NA CONSTRUÇÃO DO DESENVOLVIMENTO RURAL DO VALE DO JEQUITINHONHA, MINAS GERAIS

RICARDO BORGES TEODORO; CYNTIA MEIRELES DE OLIVEIRA; DANIEL FERREIRA DA SILVA;

UFVJM

DIAMANTINA - MG - BRASIL

cyntiamei@hotmail.com

PÔSTER

Agricultura Familiar e Ruralidade

A pedagogia da alternância na construção do desenvolvimento rural do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais.

Grupo de Pesquisa 7: Agricultura Familiar e Ruralidade.

Resumo

O presente trabalho foi realizado no Vale do Jequitinhonha, município de Turmalina, Minas Gerais, analisando a interação entre a Escola Família Agroindustrial de Turmalina – EFAT, produtores associados e instituições parceiras. Para o levantamento dos dados foram realizadas visitas *in loco* e reuniões, trabalhando-se com questionários e entrevistas semi-estruturadas junto aos agricultores familiares do município, monitores e instituições parceiras. O objetivo foi observar como a EFAT tem atuado nas comunidades locais por meio dos instrumentos pedagógicos da alternância e como esta têm contribuído para o desenvolvimento local e regional. Constatou-se que a prática da pedagogia da alternância propicia a melhor organização dos produtores com vistas ao enfrentamento das dificuldades encontradas, capacitando e profissionalizando o jovem e os agricultores, proporcionando assim melhorias na qualidade de vida e renda das famílias, o que, por conseguinte, reflete diretamente na diminuição do êxodo rural.

Palavras-chaves: Município de Turmalina; Escola Família Agrícola; Agricultura Familiar

Abstract

The present work was accomplished in Valley of Jequitinhonha, municipal district of *Turmalina, Minas Gerais*, analyzing the interaction among the School Family Agroindustrial of *Turmalina* – EFAT, associated producers and institutions partners.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



For the rising of the data visits *in loco* and meetings were accomplished, being worked with questionnaires and interviews semi-structured the family farmers of the municipal, monitors and institutions partners. The objective was to observe like EFAT has been acting in the local communities through the pedagogic instruments of the alternation and as these have been contributing to the local and regional development. It was verified that the practice of the pedagogy of the alternation propitiates the best organization of the producing with views to the qualifying and professionalizing the youth and the farmers, providing like this improvements in the quality of life and income of the families, which, consequently, contemplates directly in the decrease of the rural exodus.

Key- Words: municipal of *Turmalina*; School Agricultural Family; Family agriculture.

1. INTRODUÇÃO

Os modos de produção agrícola foram marcados profundamente pelo sistema capitalista, onde o discurso passa a ser o crescimento econômico fundamentado na acumulação de riquezas. A partir desse momento, a racionalidade sócio-cultural abre espaço para a racionalidade econômica, conforme aponta (STAHE, 1995 *apud* BECKER, 2003).

É o que pode ser constatado em comunidades regionais, as quais têm perdido seus *modos viventes*, dando espaço a lógica difusionista da modernização do campo, que pressiona os agentes a se tornarem passivos diante de toda uma cultura homogeneizante, desagregando as comunidades tradicionais e forçando-as a transitar para um novo modelo de desenvolvimento econômico.

Permeia esta discussão, a concepção de sociedade em rede, onde na atualidade, a sociedade moderna é caracterizada por sua predominância em todos os campos da vida social (CASTELLS, 1999, 2000, 2001 *apud* FREY, 2003). Em nível comunitário significam articulações e mobilizações de entidades de cunho social, que demonstram que é possível realizar ações concretas de forma a contribuir para as mudanças das disparidades socioeconômicas e políticas, promovendo o desenvolvimento sustentável para os setores sociais mais fragilizados da sociedade.

Cabe aponta as ponderações de Elias (1994), ao frisar que esta nova ordem social busca incessantemente uma melhor harmonização entre as necessidades grupais e as inclinações pessoais, por meio do trabalho cooperativo. Sendo assim, passa-se a refletir sobre como equilibrar as forças entre os indivíduos, onde partindo de suas individualidades, os mesmos tendem a buscar objetivos próprios, mas no contexto da sociedade devem desenvolver dentro de seus interesses próprios, objetivos comuns a todo o grupo os quais fazem parte. Em outras palavras, quando se tem como interesse individual o de um grupo em comum, as pessoas mesmo agindo individualmente no final terão como resultado o objetivo fim na qual todo o grupo estava centralizado a alcançar. Corrobora com estas reflexões Olson (1999) ao ponderar que os indivíduos se organizam em grupo objetivando resultados individuais e concretos. Portanto, o surgimento de agrupamentos nos setores sociais mais fragilizados da sociedade tendem a se desenvolver desde que hajam melhorias aos indivíduos participantes.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



Partindo-se deste entendimento, o desenvolvimento passa a ser compreendido sob a lógica da participação e da mobilização popular, onde de acordo com Caliari, Alencar e Amâncio (2002) consolida-se na “*lógica da ação coletiva*”.

Deslocando a análise para o modelo pedagógico das Escolas Famílias Agrícolas - EFA, objeto desse estudo, evidencia-se uma forma organizacional que por meio de proposições interativas e participativas, objetiva a construção do conhecimento e de ações concretas, em conjunto com instituições organizadas ou as chamadas “instituições parceiras”. Evidentemente que partindo de objetivos individuais, busca-se a formação de consensos e interesses coletivos, sendo o maior deles o desenvolvimento e fortalecimento de um segmento específico, o da agricultura familiar.

1.1. Sobre a criação das Escolas Famílias Agrícolas

Vários autores¹, ao destacarem o processo de formação das Escolas Famílias Agrícolas - EFA ressaltam sua criação na base, a partir dos anseios de um pequeno produtor francês, que entendia a necessidade e a importância do saber escolar na formação do agricultor, por isso buscava um modelo que circunscrevesse assuntos relacionados à formação geral dos jovens, mas que também estivesse adaptado às condições em que os mesmos viviam. Conforme Silva (2003) destaca, as dificuldades relacionadas ao estudo antes proporcionado refletiam em dois tipos de opções: continuar os estudos e sair do meio rural para o meio urbano, distanciando-se assim da família e do meio onde viviam ou permanecer junto à família e trabalhar na agricultura, interrompendo os seus estudos. A falta de motivação do jovem da comunidade para continuar seus estudos, era expressa por seu baixo desempenho escolar e pela vontade de abandonar os estudos para continuar a trabalhar na propriedade da família.

A proposta desse agricultor toma impulso a partir de discussões com outros pequenos produtores e com a igreja, havendo um consenso que os conhecimentos práticos necessários àqueles jovens que desejavam ficar na agricultura poderiam ser aprendidos trabalhando na propriedade. Todavia, um complemento de formação técnica e geral seria indispensável para permitir àqueles, que seriam um dia os responsáveis pela propriedade, se adaptarem às evoluções técnicas, favorecendo assim, os jovens a avançarem na compreensão das situações vividas, a partir do dia-a-dia (SILVA, 2003).

Como aponta Silva (2003), pelas condições existentes, houve um acordo de que este período de formação complementar seria realizado sob a forma de internato, onde os alunos passariam três semanas em aprendizado prático nas suas propriedades e uma semana em formação teórica na escola. Este período de alternância se repetiria cinco vezes durante o período do inverno europeu, de novembro a abril. A partir de então, consolida-se aquela que viria a ser uma das características e base fundamental do projeto pedagógico das Escolas Famílias Agrícolas: alternância entre o trabalho prático na propriedade agrícola e a formação geral e técnica na escola.

1.1.1. O modelo Escola Família Agrícola no Brasil

¹ Para maiores detalhes consultar: Silva (2003); Nascimento (2005) e Caliari, Alencar e Amâncio (2002).

**SOBER**XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural

No Brasil, as EFA's surge a partir de 1969, no Espírito Santo, trazida pelo Padre Jesuíta Humberto Pietogrande, como tentativa de fixação do homem ao campo e qualificação de sua mão-de-obra (GIANARDI, 1980; PESSOTI, 1978 *apud* NASCIMENTO, 2005). Surgi assim, o Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo – MEPES.

Atualmente, o modelo já se encontra consolidado no país, tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio, sendo a estrutura organizacional de cada escola gerida por uma associação, constituída por agricultores, instituições parceiras e pessoas afins. Por conseguinte, esta associação é coordenada por outra em nível estadual e estas coordenadas pela União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil – UNEFAB.

De acordo com a UNEFAB (2007), atualmente o Brasil possui 116 EFA em 16 Estados, sendo que 16 delas encontram-se no Estado de Minas Gerais, ressaltando-se conforme o quadro 01, que mais da metade destas se encontram em uma região com características muito peculiares, o Vale do Jequitinhonha.

Quadro 01 – Representação das Escolas Famílias Agrícolas no Vale do Jequitinhonha

	AEFA – Associações das EFA	Abrangência/ Municípios
1	AEFAMBAJE – Associação das Escolas Famílias Agrícolas do Médio e Baixo Jequitinhonha	Itaobim, Almenara, Comercinho, Curral de Dentro, Cachoeira do Pajeú, Pedra Azul, Jequitinhonha, Medina, Itinga, Berilo, Virgem da Lapa, Coronel Murta, Rubelita, Palmópolis, Monte Formoso, Padre Paraíso, Rubim, Felisburgo, Santo Antonio do Jacinto, Jordânia, Ponto dos Volantes
2	AEFACOM – Associação da Escola Família Agrícola de Comercinho	Comercinho e Salinas
3	AEFA Jacaré – Associação da Escola Família Agrícola de Jacaré	Itinga, Coronel Murta e Rubelita
4	AEFAPPA – Associação Escola Família Agrícola de Padre Paraíso	Padre Paraíso
5	ASFAT – Associação de Apoio à Escola Família Agrícola de Turmalina	Turmalina, Minas Novas, Chapado do Norte, Botumirim e Veredinha
6	ACERT – Associação do Centro de Educação e Arte de Turmalina –	Turmalina

**SOBER**XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural

	CEART	
7	MOPEFAV – Movimento Pró-Escola Família Agrícola de Virgem da Lapa	Virgem da Lapa, Berilo, Minas Novas, Coronel Murta, Francisco Badaró, Jenipapo, Araçuaí e Chapada do Norte
8	EFA Bontempo	Municípios do Médio e Baixo Jequitinhonha
9	EFAV – Escola Família Agrícola de Veredinha	Veredinha

Fonte: AMEFA - 2004

1.2. Vale do Jequitinhonha: potencialidades e constrangimentos

O Vale do Jequitinhonha apresenta uma forte tradição cultural, embora seja uma das regiões mais pobres do Estado. Banhado pelo Rio Jequitinhonha e seus afluentes, o vale ocupa uma área de 62,9 mil km² onde vivem 997,8 mil pessoas, de acordo com o último Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2001). A região em sua maior parte é árida sendo castigada regularmente por secas e enchentes; o que não impede, conforme a CEMIG (2004), que a agropecuária seja uma das principais atividades econômicas da região.

A população economicamente ativa é de 404,4 mil pessoas, sendo que 225,5 mil estão nos centros urbanos e 178,9 mil estão no campo. Em termos de produção agropecuária, a região é responsável pela menor geração de riquezas em Minas Gerais, todavia notando-se os dados referentes ao ano de 2001, o setor gerou R\$ 398,0 milhões frente aos R\$ 403,3 milhões da indústria local (IBGE, 2001).

Conforme Calixto *et al.* (2006), o setor rural do Vale se caracteriza pela marcante presença da agricultura familiar. Estes agricultores exploram partes das terras localizadas ao longo das grotas ou as margens de rios e riachos, onde apresentam solos mais férteis, propícios para agricultura de subsistência desenvolvida pelos mesmos. Esses agricultores produzem com extrema dependência dos recursos naturais, sendo que de sua produção em grande parte sai o sustento da família e produtos para comercialização que, em sua maioria, são realizados nas feiras livres locais e na região.

No Alto Jequitinhonha, região predominada pela vegetação de cerrado, observou-se na década de 1970 incentivos a privatização das áreas comuns para exploração agropecuária, especialmente a cultura do eucalipto, que se justificava pela necessidade de crescimento econômico e de geração de empregos (CALIXTO *et al.*, 2006). Não fugindo a regra como nas demais partes do país² propunha-se integrar a região a produção de riquezas do Estado e do Brasil, onde com programas de incentivos fiscais pretendiam impulsionar “o incremento da renda e do emprego, através do

² Situação similar ocorreu na Amazônia, onde o Governo Federal incentivou a ampliação da fronteira agrícola subsidiando a instalação de grandes empreendimentos agropecuários nas chamadas terras devolutas, sob os propósitos de trabalho, renda e a integração da região as demais partes do país. Entretanto, o resultado foi uma grande exclusão social, principalmente para o segmento da agricultura familiar, degradação ambiental, baixa produtividade e inexpressivo senão nenhum retorno econômico para a região (OLIVEIRA, 2006).



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



incentivo da coordenação e do planejamento para melhor aproveitamento da área” (IEF, 1975:25).

Compondo um dos municípios do Alto Jequitinhonha, Turmalina apresenta uma população de 15.655 pessoas residentes na área, onde deste total 10.158 (64,88%) aglomeram-se na sede do município e 5.497 (35,11%) na zona rural. A densidade demográfica e o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal - IDH do município são respectivamente de 13,85 habitantes/km² e 0,705, considerando este valor como acima da média regional que é de 0,64 (IBGE, 2001).

É interessante ressaltar que o município vem atravessando um declínio na agricultura, deslocando sua mão-de-obra para os grandes centros produtores da cana-de-açúcar como São Paulo e Mato Grosso, os quais de acordo com Sakamoto (2001), representam uma fonte de trabalho para amenizar as dificuldades socioeconômicas enfrentadas.

Entretanto, apesar das dificuldades intrínsecas que o Vale do Jequitinhonha enfrenta, considerando secas prolongadas, baixo dinamismo econômico, carência de políticas públicas de promoção de trabalho, renda e educação, alguns modelos são dignos de atenção, ressaltando aqueles construídos a partir de consensos e objetivos comuns. Notadamente, a Escola Família Agrícola de Turmalina – EFAT, que por meio do associativismo, do trabalho em rede e da construção coletiva do conhecimento voltada a práxis agrícola, propõe outra realidade para os filhos e filhas do Vale. Estas proposições se alicerçam nos fundamentos básicos da EFA, que é valorizar o conhecimento do agricultor, agregar valor ao seu trabalho e contribuir para a redução das disparidades socioeconômicas.

1.3. Objetivo

Objetiva-se com este trabalho compreender como se concretiza a organização das famílias de agricultores em torno da EFAT e sua relação com as entidades parceiras, de forma a construir estratégias de sobrevivência e manutenção deste segmento. Além dos estudos e análises sobre este modelo educativo, pretende-se contribuir para ampliação do conhecimento científico sobre a Pedagogia da Alternância, que é pouco representada, visto a ausência de estudos e análises sobre o modelo, especialmente no local que se pretende estudar, podendo este contribuir para consolidação desta experiência.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Conforme Menezes (2002), as Escolas Famílias Agrícolas são identificadas e constituídas a partir de quatro pilares ou princípios, sendo eles:

- A existência de uma associação, responsável por aspectos econômicos, políticos, jurídicos, gestão, dentre outros;



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



- Uma metodologia pedagógica específica: a alternância integrativa entre o meio sócio-profissional e o centro escolar, fundamentada, sobretudo na experiência, como ponto de partida;

- A educação e a formação integral da pessoa, contribuindo para que o jovem construa a sua personalidade e o seu futuro junto com sua família e no meio em que vive. Tendo sempre “o projeto profissional” como instrumento de inserção nesse meio. O internato e o pequeno grupo de alunos possibilitam um acompanhamento personalizado dentro do grupo, feito pela equipe de formadores, denominados monitores e que constituem os colaboradores principais;

- O desenvolvimento do meio local por meio da formação de seus próprios atores, não sendo possível separar o desenvolvimento da formação e da atuação dos jovens com as famílias.

De acordo com Nascimento (2003), assim como outras formas de resistência cultural existente no meio rural brasileiro, as EFA's espalhadas pelo Brasil caminham na contramão da história da educação dominante. Busca-se atender nas EFA's as reais necessidades dos filhos de camponeses, onde todo o processo parte da realidade do educando, afim de que se possa construir uma educação realmente condizente com o mundo no qual estão inseridos. Alternância significa o processo de ensino-aprendizagem que acontece em espaços e territórios diferenciados e alternados. O primeiro é o espaço familiar e a comunidade de origem (realidade); em segundo, a escola onde o educando partilha os diversos saberes que possui com os outros atores e reflete-se sobre eles em base científicas (reflexão); e, por fim, retorna-se a família e a comunidade a fim de continuar a práxis (prática + teoria) seja na comunidade, na propriedade ou na inserção em determinados movimentos sociais.

Na Pedagogia da Alternância, a vivência em internato durante a(s) semana(s) em que o aluno fica no meio escolar, ocorre a ruptura, o distanciamento do meio de vida que constitui uma estratégia educativa para propiciar aos jovens uma melhor percepção e, conseqüentemente, uma reflexão sobre a sua realidade, estimulando uma nova visão do contexto familiar, da propriedade e das questões cotidianas presentes na sua realidade, que passam assim a constituir objetos da formação (SILVA, 2003), tornando o jovem um agente propulsor de mudanças por meio de sua liderança exercida nas comunidades rurais e movimentos sociais.

Portanto o objetivo das EFA's é proporcionar aos jovens do meio rural uma educação a partir da sua realidade, da sua vida familiar e comunitária e das suas atividades. Isso se faz possível por meio da Pedagogia da Alternância. Esse projeto educativo contribui para uma experiência pessoal, proporcionando uma base de informação, partindo sempre do concreto para o abstrato, do prático para o teórico, do contexto sócio-político, econômico e cultural, do local para o global. A partir da realidade não significa apenas método entre as quatro paredes das Escolas, mas uma opção política, um compromisso de transformação do meio e da sociedade como um todo (NASCIMENTO, 2003).

Segundo Estevam e Etcheverry (2006), após estudos sobre à Casa Familiar Rural - CFR de Quilombo – SC , identificou-se que o projeto visa proporcionar ao jovem do meio rural as condições necessárias para o exercício da profissão de agricultor, fixá-lo no campo e melhorar sua condição de vida e de sua família, em uma



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



perspectiva de agricultura sustentável. Os jovens atendidos pelo projeto aplicam parte dos conhecimentos adquiridos na CFR em suas propriedades, sendo esta uma motivação dos jovens em permanecerem na atividade depois de formados, segundo os mesmos e os pais. Sendo interessante ressaltar que, na sua proposta, a Pedagogia da Alternância assume um compromisso que pode ser considerado ousado, pois se propõe juntamente com o jovem e sua família, à melhoria das condições de vida e a permanência em seu meio.

3. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada em maio de 2007, no município de Turmalina, estado de Minas Gerais, no Alto Jequitinhonha, junto aos agricultores locais de quatro comunidades atendidas pela Escola Família Agroindustrial de Turmalina – EFAT, as instituições parceiras e os monitores.

As atividades da EFAT tiveram início no dia 12 de fevereiro de 1998, dando seqüência ao “Projeto Criança 2000” que funcionou até o final da década de 90. O processo de discussão sobre Escola Família Agrícola iniciou com necessidade de oferecer cursos de ensino fundamental e médio profissionalizantes para jovens rurais do município de Turmalina, onde instituições como a Associação Mineira das Escolas Família Agrícola - AMEFA, a União Nacional das Escolas Família Agrícola do Brasil - UNEFAB, a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural - EMATER, o Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica – CAV, a Prefeitura Municipal, Sindicato dos Trabalhadores Rurais e outras entidades discutiram sobre o modelo Escola Família Agrícola. A escola está implantada em uma área de 20 hectares e desenvolve algumas atividades como: padaria industrial, agroindústria, horticultura, unidade experimental de agrossilvicultura, culturas diversas como café, mandioca e curso básico de informática. A EFAT trabalha com ensino fundamental e ensino médio com um total de 260 alunos. O ensino médio funciona concomitante com a educação profissional básica em Agroindústria.

A coleta de dados foi realizada por meio de questionário e entrevista semi-estruturada, segundo (MARCONI & LAKATOS, 2003); visitas *in loco* e reuniões com o público-alvo. A opção pelos agricultores dessas comunidades deu-se pelo fato de todos terem filhos estudando na escola e, ou, participantes da Associação de Apoio à Escola Família Agrícola de Turmalina – ASFAT e pelos agricultores locais fazerem parte do processo educativo da pedagogia da alternância, uma vez que em cada uma das comunidades pesquisadas, pelo menos um agricultor compõe a diretoria da associação e, ou, exerceu cargos em outras associações ou movimentos organizados. O questionário foi composto de questões fechadas, procurando observar fatores referentes ao tamanho da propriedade, principais atividades desenvolvidas, observando o processo de comercialização de produtos, identificando a produção e como as práticas ensinadas na Escola Família Agrícola contribuem nas atividades desenvolvidas na propriedade. A entrevista semi-estruturada, de caráter mais aberto, foi realizada junto aos agricultores locais acompanhado por um monitor da EFAT, que auxiliou quanto à seleção dos



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



agricultores que foram entrevistados. Durante a entrevista utilizou-se um gravador com autorização prévia do entrevistado, com o objetivo de fazer com que o agricultor se expressasse com maior tranquilidade, uma vez que os mesmos se sentiam mais a vontade. A entrevista teve como objetivo identificar como a Escola Família Agrícola atua nas comunidades locais, como os agricultores estão se organizando e qual o reflexo desta nas comunidades, observando a visão dos agricultores com relação à pedagogia da alternância, conforme pode ser visto nos anexos o roteiro das entrevistas.

Em outra etapa realizou-se junto a EFAT um levantamento das instituições parceiras, na qual se procurou identificar as entidades que apóiam a pedagogia da alternância como modelo inovador para o meio rural e que desenvolvem trabalhos junto à agricultura familiar local e regional. Durante a entrevista utilizou-se um gravador também com autorização prévia dos entrevistados. Procurou-se por meio destas identificar como se consolidou a parceria, quais seus objetivos, os trabalhos realizados em conjunto com a EFAT e como estas contribuem para desenvolvimento da agricultura familiar e do Vale do Jequitinhonha.

Em relação à parte da equipe de monitores, o trabalho de pesquisa se deu por meio de reuniões. Procurando identificar quais as dificuldades enfrentadas na dinamização dos trabalhos na EFA, como a equipe técnica atua e colabora para o desenvolvimento das comunidades envolvidas e o perfil de atuação da EFAT.

Por fim, realizou-se a análise dos questionários e foi feita a transcrição das entrevistas, os quais constituíram elementos à análise da realidade.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1. Fortalecendo o Associativismo por meio da Pedagogia da Alternância

Pode se observar que, em sua maioria, os agricultores familiares do município de Turmalina - MG, atendidos pela Escola Família Agroindustrial de Turmalina – EFAT, possuem pequenas áreas de terras, sendo que o tamanho destas varia de 04 a 36 hectares (**Gráfico 01**). Nestas propriedades, de acordo com o **Gráfico 02**, identifica-se a produção de milho, feijão, cana e mandioca em 100% das propriedades visitadas, enquanto atividades como amendoim e hortaliças estão presentes em 20%. Além das lavouras, estes agricultores criam pequenos animais em sua totalidade e desenvolvem bovinocultura mista, suinocultura e apicultura. Identificou-se que a maioria dos produtos são destinados à subsistência, sendo que, da cana-de-açúcar e do leite, são produzidos rapadura, aguardente, queijos, requeijão e doces, destacando que 20% do leite é entregue a laticínios ou vendido na própria comunidade. O mel produzido pode ser levado para Escola Família Agrícola onde poderá ser processado na Agroindústria local e, em parceria com o Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica – CAV, o produtor poderá beneficiar e escoar a sua produção.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural

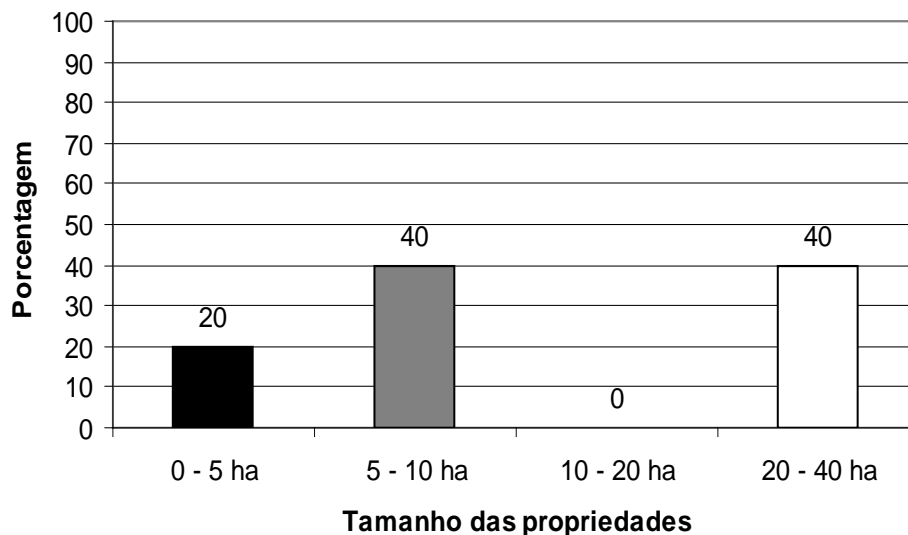


Gráfico 01 – Tamanho das propriedades familiares atendidas pela EFAT, Turmalina/MG

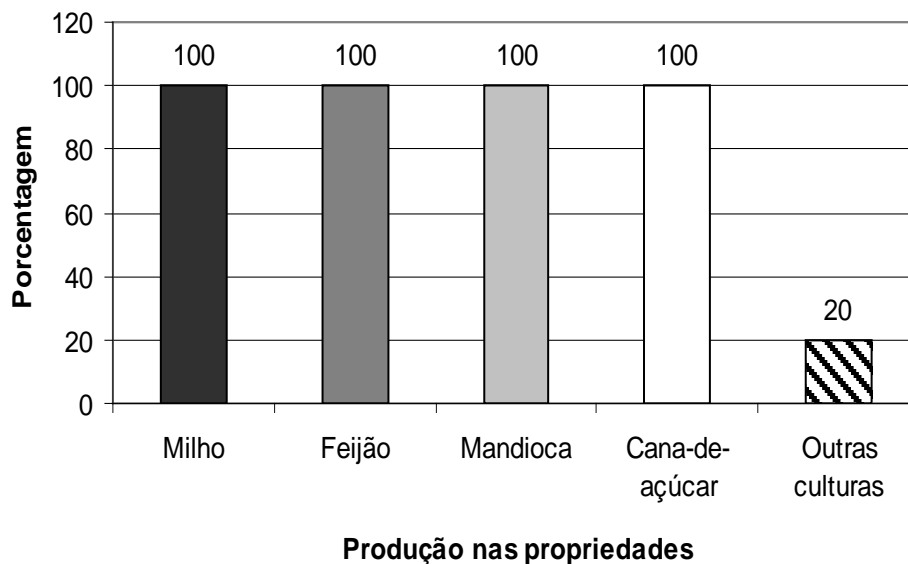


Gráfico 02 – Principais produtos agrícolas das propriedades familiares atendidas pela EFAT

Constatou-se que os agricultores têm consciência das transformações que vem ocorrendo no campo, pois percebe que não é mais o meio rural de anos atrás, exigindo capacidade técnica e administrativa do agricultor. Sabem que a globalização está presente na vida do agricultor familiar e muitas vezes eles não sabem definir o termo,



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



mas acreditam que o campo está passando por uma transformação onde os meios de comunicação e o mercado, forçam os mesmos a mudanças sem saber o verdadeiro, real e concreto sentido de adequar-se as exigências do mercado, como melhoria da produtividade, otimização da mão-de-obra familiar, uso de tecnologias, capacitar-se em cursos oferecidos pelas instituições de ensino, agregação de valor aos seus produtos além de propiciarem uma educação aos filhos voltada para sua realidade (pedagogia da alternância) e como passo primordial para representação frente às exigências do mercado procuram-se associar, constituindo desta forma representatividade e força política.

Pode-se ainda notar que o agricultor associado amplia a sua rede de comércio e de forma indireta vem superando os desafios do mercado como baixo valor do produto, instabilidade nas vendas de mercado, concorrência, dentre outros, percebendo que EFAT atua de forma marcante através da pedagogia da alternância, pois esta tem como um dos seus pilares de sustentação o associativismo, onde a família dos agricultores são os verdadeiros gestores da Escola Família Agrícola, sendo a Associação de Apoio à Escola Família Agrícola de Turmalina – ASFAT, representante dos agricultores. Foi observado que o agricultor quando associado, procura sempre ficar informado em relação às novas tecnologias adaptadas a sua realidade, novos nichos de mercado, além de despertar o espírito de união dentro da comunidade, desejando que o campo possa ser reconhecido e valorizado pelo seu potencial e sua importância socioeconômica para o desenvolvimento do país.

Foi relatado que diante das condições de vida do agricultor familiar, como empobrecimento do segmento, pouca valorização da cultura e a falta de oportunidade para o jovem do meio rural, ocorrem uma grande imigração dos jovens para os centros urbanos na busca de melhoria da qualidade de vida, porém observa-se que as reações dos agricultores frente aos problemas após implantação da pedagogia da alternância no município e no Vale do Jequitinhonha é a de se organizarem promovendo mobilizações das diferentes classes, onde as entidades parceiras, tais como Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais - EMATER-MG, Fundo Cristão para Crianças - representado pela Associação de Promoção ao Lavrador e Assistência ao Menor de Turmalina - APLAMT, a Associação Mineira das Escolas Famílias Agrícolas - AMEFA, o Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica – CAV e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais se congregam trabalhando paralelamente e de forma articulada buscando políticas educacionais, sociais e de crédito que atendam as necessidades dos agricultores, demonstrando aos poderes Municipal, Estadual e Federal, o verdadeiro valor do campo, que é o próprio agricultor e o jovem. Esses exigem do poder público uma educação que atenda as necessidades da agricultura familiar, sendo esta, instrumento capaz de ajudar às mudanças das atuais contradições sociais na qual se encontra o campo.

Com tal perspectiva, constata-se que a EFAT assume importância na mudança dessas contradições, pois para os associados entrevistados o aprendizado das práticas desenvolvidas na escola pelo aluno durante os quinze dias em alternância, proporciona melhorias das atividades desenvolvidas nas propriedades, tais como uso de adubações, práticas de manejo da lavoura, redução dos gastos nas atividades, agregação de valor aos produtos a partir das práticas desenvolvidas na Agroindústria, manejo com os



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



animais e conscientização ambiental, proporcionando desenvolvimento sustentável. O que pode ser comprovado pelo depoimento de um associado:

A alegria dos filhos é alegria dos pais, não existe nada melhor que um filho bem formado e o aluno da EFA é um aluno diferenciado, pois ele já de início toma uma decisão por vocação e o aluno ou a família tem se o hábito de copiar um ao outro, então de forma sutil tudo que o aluno aprende na pedagogia da alternância ele não aprende só para ele, mas também para os pais e comunidade, desde a higiene até as práticas agrícolas.

(Vice-presidente Associação de Apoio à Escola Família Agrícola de Turmalina - ASFAT)

Para os entrevistados a alternância proporciona ao jovem uma dedicação maior aos estudos e a família, pois o período de quinze dias em que o aluno está na escola, se dedica aos estudos e às práticas agrícolas desenvolvidas no ambiente escolar e no período em que está em casa, este retorna à família o aprendizado adquirido na EFA. Alguns pais relatam que os filhos aprendem a conviver em um ambiente diferente - que não a família, melhorando o convívio em sociedade, além de a alternância proporcionar que os filhos ajudem no trabalho da propriedade, os mesmos também podem trabalhar para si ou particular ganhando o seu próprio dinheiro, não podendo o jovem do meio justificar que tem de abandonar os estudos para trabalhar ou ajudar a família nas atividades. Durante a entrevista apenas uma das 18 famílias entrevistadas identificou um ponto negativo da alternância que foi a distância dos filhos no período de alternância entre a família e EFA, alegando sentir saudades dos filhos.

4.2. Reflexos nas Comunidades da Atuação da EFA

A percepção da comunidade com relação à importância da EFA se dá por se tratar de uma escola, com uma educação adequada a sua realidade, elevando a capacidade dos jovens em criticar e questionar o porquê de muitas coisas, não apenas sendo introduzido ao seu conhecimento um pacote de ensino que muitas vezes congrega o urbanismo ao jovem, induzindo-o a imigração aos centros urbanos. Para os pais entrevistados a pedagogia da alternância contribui para que o jovem do meio rural observe possibilidades no campo, não tendo este uma visão imediatista em relação a sua situação financeira, procurando mudar o meio em que vive, apreendendo e ensinando.

Estes produtores observam que a EFA atua nas comunidades por meio do uso de instrumentos pedagógicos como a visita a família, onde os monitores prestam assistência técnica aos agricultores, proporcionando aos mesmos conhecimentos necessários para o êxito das atividades desenvolvidas nas propriedades, além de acompanhar a realidade da família e orientá-las em relação ao andamento da educação do filho, adquirindo confiança das famílias e dos jovens que percebem que esta é a verdadeira razão de existir da EFA.

Além disso, foi observado que a instituição e as entidades parceiras têm promovido cursos para capacitação dos agricultores, nas áreas de apicultura, doces e palestras na área da agropecuária. Quando indagados com relação aos benefícios da pedagogia da alternância todos são unânimes em dizer que é um modelo de educação



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



apto ao meio rural onde este vive a realidade das famílias e contribui em muito para educação e conhecimento dos jovens do meio rural, pois nas comunidades entrevistadas acabam se tornando lideranças, desenvolvendo trabalhos juntos as associações e entidades locais. Os pais também percebem mudanças dos filhos com relação ao comportamento na família e no meio social, desenvolvendo atividades diferenciadas objetivando a melhoria da qualidade de vida da família e demonstrando interesse em ficar no meio em que vivem, podendo este fato ser constatado pelo depoimento de um dos pais entrevistados:

O maior benefício é o conhecimento a partir do momento em que caminhamos juntos, aprendemos muitas coisas, passando a viver o dia a dia da comunidade e da sociedade. Os filhos procuram aplicar os conhecimentos adquiridos na EFA nas atividades em casa, ajudando a família e a comunidade [...] me apóiam, pois muitas vezes desanimado perante as dificuldades enfrentadas e percebo que essa força e vontade dos filhos foi adquirida na EFA, pois não viveram em outro lugar. Meus filhos ao contrário da realidade do vale, não desejam sair da comunidade para trabalhar nos grandes centros, pois a partir do conhecimento adquirido na EFA, facilitou o trabalho e adquiriu gosto pelo trabalho no meio rural, melhorando a vida da família.

(Mãe de aluno da Escola Família Agroindustrial de Turmalina – EFAT)

Durante a entrevista foi constatado que em média 30% dos alunos que estão concluindo ou que já concluíram o ensino médio, utilizam recursos do PRONAF JOVEM³ para o custeio e ampliação de atividades dentro da propriedade. Em sua totalidade, os pais têm conhecimento da linha de crédito destinada aos alunos que estejam em centros de formação por alternância. Apesar do seu pouco acesso; ressalta-se que, 60% dos entrevistados já utilizam alguma linha de crédito como o PRONAF B e C⁴.

4.3. Instituições Parceiras e a EFAT

4.3.1. Associação Mineira das Escolas Famílias Agrícolas – AMEFA

A parceria entre AMEFA e a EFAT se consolidou a partir de 1999 após a criação da escola. O objetivo da parceria teve como foco a organização das famílias do

³ PRONAF JOVEM: Linha de crédito do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF, tendo como público jovens agricultores (as) familiares, entre 16 a 25 anos, que cursaram ou estejam em centros de formação por alternância, escolas agrotécnicas de nível médio e/ou cursos profissionais voltados para atividades agropecuárias.

⁴ PRONAF: Linhas de crédito do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, sendo o PRONAF B destinado aos agricultores(as) familiares com renda bruta anual de até R\$ 3 mil, PRONAF C destinado aos agricultores (as) familiares com renda bruta anual acima de R\$ 3 mil e até R\$ 16 mil.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



meio rural, por meio do incentivo ao associativismo, para que os mesmos buscassem melhoria na qualidade de vida, como lazer, saúde e educação tendo como objetivo final o desenvolvimento regional.

A atuação junto aos produtores pode ser observada por meio da capacitação dos técnicos que atuam na área da agropecuária, onde estes são personagens fundamentais na formação de idéias e são capacitados para atuarem na orientação técnica junto aos produtores, contribuindo de forma indireta e, ou, direta com o produtor, tentando buscar melhoria dos aspectos produtivos da propriedade e da organização do meio.

Foi constatado o desenvolvimento de projetos em conjunto na área de apicultura, onde a AMEFA em parceria com Instituto de Desenvolvimento do Norte e Nordeste de Minas Gerais – IDENE capacitaram 12 técnicos de seis EFA, sendo estes multiplicadores, capacitando 96 produtores e alunos. Cada escola recebeu recursos para montagem de uma casa de mel, compra de materiais específicos e caixas (colméia) destinadas á implantação ou ampliação da atividade apícola. Além disso, existem projetos com atuação direta nas comunidades por meio de cursos para formação de lideranças, oratória, prestação de contas das associações e capacitação em elaboração de projetos comunitários.

A AMEFA por meio de parcerias com Universidades, Organizações Não Governamentais - ONGs e seu corpo técnico promovem a formação inicial e continuada na pedagogia da alternância para todo o corpo de monitores das EFA em Minas Gerais e também desenvolve trabalhos de capacitação dos monitores da área técnica e produtores, sendo estes trabalhos voltados para sistemas que proporcionem o desenvolvimento de uma agricultura sustentável, dentre eles pode-se citar a Agroecologia.

Dentro desta visão almeja-se garantir uma metodologia de ensino apropriada, de forma que a pedagogia da alternância não apenas seja uma metodologia importada, mas sim apropriada à realidade em que vive as comunidades rurais, atendendo esta as necessidades educacionais do meio rural.

4.3.2. Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais - EMATER – MG

O público alvo trabalhado pela empresa é o agricultor familiar, público este que já se encontra organizado com bases firmadas no associativismo por meio da EFAT. Portanto, a proposta de trabalho vem a corroborar diretamente com atuação e melhoria da qualidade de vida dos agricultores, pois se percebe que algumas atividades, por exemplo, a divulgação de programas como o Minas Sem Fome e linhas de créditos como PRONAF JOVEM. A EFAT atua de forma marcante, orientando os alunos e produtores com relação à documentação, implantação do projeto, discutindo com os mesmos as atividades a serem desenvolvidas, sendo realizada pelos monitores da área técnica uma visita *in loco* e, após estes passos, formula-se uma proposta que é encaminhada ao técnico responsável da EMATER-MG para elaboração do projeto técnico que será encaminhado a instituição financiadora.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



Entende-se que essa parceria contribui com a atividade agrícola familiar, apesar de observar a falta de recursos humanos por parte da empresa que tem dificuldades em atender as demandas dos agricultores. Neste sentido, a EFAT contribui com apoio técnico para o desenvolvimento de algumas atividades junto aos agricultores.

4.3.3. Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica – CAV

O CAV é uma ONG, fundada em 1994, que tem por objetivo desenvolver, junto aos produtores do Vale do Jequitinhonha, uma proposta de agricultura familiar sustentável, que favoreçam suas condições de vida, incentivando a produção, respeitando os costumes locais e o meio ambiente, influenciar na construção de políticas públicas para este segmento.

O CAV atua desde a criação da EFAT por meio de mobilizações em conjunto com os agricultores, discutindo a necessidade de uma educação diferenciada para o homem do campo. A entidade vem trabalhando junto às universidades, desenvolvendo pesquisas e difundindo experiências juntos aos produtores. A EFAT atua como disseminadora das experiências do CAV, como exemplo o uso de sistemas de agrossilviculturais. A Instituição em parceria com a EFA desenvolve atividades de valorização dos produtos dos agricultores locais, onde estes podem ser beneficiados dentro da agroindústria da escola ou no próprio centro, como também a venda de alguns produtos.

O programa de apoio a agricultura familiar intitulado como Economia Popular Solidária tem como objetivo a livre associação de pessoas por meio de grupos temáticos como: Apicultura, Canavieiro, Fruticultores, Artesãos e Feirantes, para fins de organizá-los, qualificá-los e fortalecê-los quanto as suas atividades produtivas, gerando emprego e renda de forma sustentável. Esta sustentabilidade está apoiada a partir da utilização de tecnologias apropriadas, garantindo assim produtos de qualidade, sem agredir o meio ambiente.

Também por meio do seu Centro de Formação e Experimentação, o CAV tem disponibilizado estágio aos alunos da EFAT, onde nesta área experimental os alunos encontram as seguintes estruturas: cantina e refeitório, alojamento, unidades de beneficiamento de mel e produção de frutas desidratadas, criação de suínos, frango, bovino e apicultura, atividades agrícolas e área de sistema agroflorestal, sendo que todas estas estruturas vêm a contribuir diretamente para a sua formação e desempenho profissional, facilitando sua atuação frente às dificuldades enfrentadas na propriedade de sua família. Outro aspecto é a promoção de eventos como seminários, reuniões, cursos em gestão para os agricultores e os jovens do meio rural, contribuindo desta forma para que os mesmos desenvolvam uma agricultura de forma sustentável e agregando valor aos seus produtos por meio do incentivo ao associativismo e cooperativismo.

4.3.4. Associação de Promoção ao Lavrador e Assistência ao Menor de Turmalina – APLAMT



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



Observa-se que o foco de ação desta entidade se dá em torno dos jovens rurais, por meio de ações assistencialistas, dando apoio financeiro às famílias na compra de material escolar e projetos educativos com aulas de reforço aos estudantes do projeto, disponibilizando ainda acompanhamento na área odontológico e nutricional.

A entidade também desenvolve apoio direto ao produtor com participação efetiva de um técnico agrícola no acompanhamento das propriedades e em parceria com a EFAT e o SENAR disponibilizam cursos profissionalizantes para capacitação dos agricultores e seus filhos.

4.4 - Pontos Frágeis dos Trabalhos Desenvolvidos

Por conta da construção de conhecimentos e tecnologias apropriadas à realidade regional, as parcerias com outras instituições vislumbram-se a concretização dos trabalhos em prol do desenvolvimento principalmente, a organização dos agricultores, que na prática apresenta problemas factíveis, tais como:

Apesar dos avanços no Estado de Minas Gerais, que reconhece e amparam por Lei as Escolas Famílias Agrícolas, a realidade da escola é de uma estrutura vinculada ao poder municipal. Criada em 1998 nos moldes de uma escola municipal formal, ela foi passo a passo tomando corpo até a constituição da EFAT. Entretanto, sua falta de autonomia, principalmente em decorrência das interferências da esfera municipal, limita sua capacidade no que diz respeito à captação de recursos e a formalização de parcerias.

A interferência no desenvolvimento dos trabalhos reflete no afastamento de algumas instituições parceiras, desestimulando a equipe de monitores, o que contribui para a grande rotatividade entre estes. Notando-se que, alia-se a isso, a baixa remuneração do quadro de funcionários.

A presença das famílias no processo continua a ser o pilar de sustentação, pois esta é a razão da existência da EFA, entretanto a falta de conscientização de algumas famílias sobre importância do seu papel no projeto, também fragiliza a proposta.

5. CONCLUSÃO

Diante da situação atual que vive o campo, a pedagogia da alternância vem a contribuir diretamente com o desenvolvimento do município de Turmalina e do Vale do Jequitinhonha, pois a partir do associativismo as comunidades estão buscando os seus direitos e organizando-se, proporcionando desta forma melhoria na qualidade de vida das comunidades. Onde o jovem que estuda na Escola Família Agrícola tem atuado como personagem importante para as mudanças do meio, contribuindo para a melhoria da realidade socioeconômica do local, pela promoção da segurança alimentar e nutricional, a geração de trabalho e renda e a diminuição do êxodo rural.

As instituições parceiras têm atuado de forma integrada na qualificação e profissionalização do meio rural e a Escola Família Agroindustrial de Turmalina tem sido um agente imprescindível para o sucesso das ações realizadas pelas instituições



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



frente a agricultura familiar do Vale, pois a EFA contribui para a organização do meio rural por meio do associativismo, além de formar lideranças, buscando esta por meio dos movimentos organizados os direitos que lhe são reservados.

Vale ressaltar que as EFA carecem de recursos financeiros e de uma legislação federal que torne o projeto sustentável, o que leva muitas vezes os projetos a ficarem reféns de alguns políticos, interferindo diretamente na autenticidade das Escolas Famílias Agrícolas.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Associação Mineira das Escolas Famílias Agrícolas - AMEFA. **Escola Família Agrícola: Construindo Educação e Cidadania no Campo.** [s/d] 2004.

BECKER, D. Capital Social: uma nova derivação da Economia de mercado? In.: COOREA, S. M. S. **Capital Social e Desenvolvimento Regional.** Santa Cruz do Sul, Ed. EDUNISC, 2003.

CALIARI, R. O; ALENCAR, E; AMÂNCIO, R. Pedagogia da Alternância e Desenvolvimento Local: Organizações Rurais e Agroindustriais. In: **Revista de Administração da Universidade Federal de Lavras.** vol. 4, nº 2. UFLA: jul./dez. 2002. pp.52-62

CALIXTO, J. S.; RIBEIRO, A. E. M.; SILVESTRE, L. H. A. Reflorestamento e Ocupação do Alto Jequitinhonha, MG. In: **Encontro Nacional de Estudos Populacionais,** 15, Caxambu: 2006.

COMPANHIA ENERGÉTICA DE MINAS GERAIS - CEMIG. **Usina de Irapé.** Belo Horizonte, [s/d] 2004.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994.

ESTEVAM, D. O.; ETCHEVERRY, M. S. **Educação no Campo e o Papel da Casa Familiar Rural de Quilombo – SC na Perspectiva dos Atores Sociais.** Universidade Federal de Santa Catarina, [s/d] 2006.

FREY, K. Desenvolvimento Sustentável Local na Sociedade em rede: o potencial das novas tecnologias de informação e comunicação. In: **Revista de Sociologia e Política,** n. 21, nov. 2003. pp.65-185



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo Demográfico**: 2001.

INSTITUTO ESTADUAL DE FLORESTAS - IEF. **Projeto de distritos florestais para minas gerais**. Belo Horizonte, 1975.

MARCONI e LAKATOS. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed, São Paulo, Atlas, 2003.

MENEZES, R. R. **Pedagogia da Alternância e Novo Paradigma Educativo**: Estudo Comparativo entre os Quatro Pilares do Movimento EFA'S e os Saberes Necessários a Educação do Futuro. Portugal, Universidade Nova de Lisboa, dez. 2002.

NASCIMENTO, C. G. Escola Família Agrícola: uma resposta alternativa à educação do meio rural. **Revista da UFG**, v. 7, n. 1. Goiânia, [s/d] jun. 2005.

NASCIMENTO, C. G. **Pedagogia da Resistência Cultural**: uma pensar a educação a partir da realidade campezina. VIII Encontro Regional de Geografia, Goiás, [s/d] out. 2003.

OLIVEIRA, Cyntia Meireles de. **A contribuição da avaliação pró-ativa na análise das intervenções de desenvolvimento rural (1996-2005)**. Viçosa: UFV. Mestrado em Extensão Rural, 2006. 114 p.

OLSON Jr., M. **A lógica da ação coletiva**: bens públicos e a teoria dos grupos. São Paulo, EDUSP, 1999.

SAKAMOTO, L. **O Engenho Resiste**. Repórter Brasil, Minas Gerais, Pernambuco, Bahia, 2001.

SILVA, Lourdes Helena da. **As experiências de formação de jovens do campo: alternância ou alternâncias?** Viçosa, Ed. UFV, 2003.

União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil - UNEFAB, 2007.